



Cinema

Ano 1º
N.º 21

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — Jackie Coogan, o protagonista do filme «Aventuras de Tom Sawyer».

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00. Sem.
24\$00. Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50. Sem. 29\$00.
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e Imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

JÁ PODEM... falar na Marlene Dietrich e na Sylvia Sidney. Mais dum mês de silêncio foi quasi suficiente para me deixarem respirar um pouco, falando em outras artistas que não fossem a sedutora protagonista de «Fatalidade», e a encantadora intérprete de «Ruas da Cidade». A propósito, chamo a vossa atenção para a «matinée, que esta revista vai oferecer aos leitores de «Cinema», na qual será reexibida «Ruas da Cidade», uma das melhores produções do fonocinema.

ALBERTO BARRADAS: — A Lupe Velez, pelo visto, é muito inconstante. Ora está virada para o John Gilbert, ora para o Gary Cooper. É assim como aquela pessoa que nós sabemos, que tanto está apaixonado pela Marlene, como está moribundo de amores pela Sylvia. Sim senhor, «Shangai Express» é o mais recente filme de Marlene. Agora está fazendo «Blonde Venus». Essa coisa da Mary Astor se chamar Helena de Vasconcelos parece-me um grandíssimo canard.

Até à próxima. E não se esqueça dos selos!

CINÉ-REPORTER: — Diz-me a Administração que o meu amigo deve enviar a quantia de Esc. 4\$50 em selos, para depois lhe serem enviados os 3 romances. Estranha que não tenhamos publicado ainda quaisquer fotografias de artistas portugueses? Diga-me primeiro que fitas portuguesas se fizeram depois da saída do 1.º número de «Cinema»! Ainda ha, sim senhor, números da revista «Aquila», na Administração. Não esqueça que cada um custa \$70 e não esqueça também que perguntas destas não são para esta secção. De futuro, deve escrever directamente à Administração.

PAMPLINAS II: — Pode apreciar outra vez «Luzes da Cidade» na próxima semana no «Batalha». A época actual fecha em Julho ou Agosto. Na próxima temporada veremos, sem dúvida, artistas novos. Cá o director já tem uma listazinha delas!...

NÃO SABE NADA: — Iremos melhorando a pouco a pouco. Com referência à viagem do nosso Director, parece-me que ele vai tanto a Berlim como eu vou a Vladivostok... E' que os marcos estão a 7\$10, e um balcão no «Gloria Palast» custa 3 marcos...

FLORES BRASILEIRAS: — Viva o Getulio Vargas!

Correspondência

A vossa primeira pergunta, pedindo impressões sobre a Nancy Corroll, só posso responder que está boa, muito obrigadinho. 2.ª Decerto que a Lilian Harvey ficou consternadíssima com o casamento do Henry Garat. E tanto assim que até decidi casar em Outubro com o Willy Fritsch. Vamos a ver se desta vez é a sério... 3.ª O Henry Garat, antes de ser actor de cinema era artista de music-hall. Sobre a Marlene já se pôde falar, como verá pelas primeiras linhas desta secção. Porque é que falamos tão poucas vezes na Anny Ondra? O' minhas caríssimas florsinhas, não me metam em mais trabalhos? E o Karl Lamac?

UM CINÉFILO: — Muito obrigado pela informação que deu em carta endereçada ao Director. Mas peço-lhe para dirigir à minha pessoa a correspondência destinada a esta secção. Diga-me depois que tal a inauguração do sonoro aí no «Ideal Cine».

KATE! LILIAN! QUAL DAS DUAS?: — Olhe, faça como «aquela pessoa» — escolha ambas. Impossível publicar, por enquanto, duas fotografias de página, de Kate e Lilian. Deixe que se aproximem novos filmes das duas actrizes. Dorothy Christy não está trabalhando atualmente.

SIR FANTASM: — Dos filmes apresentados esta temporada, ainda coloco «Ruas da Cidade» à frente de «Matou». Tem muita razão no que diz com respeito à sonorização de «Ben-Hur». Mais fotografias de Lilian? Uns numerosos de descanso!

NENITA: — Ai, Nenita, que já estava zangadinho! Entreguei na Administração os 3\$00, mas peço-lhe que, de futuro, nas cartas cá para este seu criado não trate de nenhum assunto para a Direcção ou Administração. Para mim, só perguntas e respostas, a não ser que os meus queridos correspondentes queiram mandar-me mais alguma coisa... boa! Mas a Páscoa já passou e o Natal ainda vem longe!...

A direcção de Werner Fuetterer é Berlin-Steglitz, Kleistrasse 27, Alemanha. Isso é modestia, dizendo que escreve mal o português, quanto mais o francês. Escreva-lhe em qualquer lingua. E diga-me depois se ele respondeu.

Cá recebi os seus «alegres sorrisos». Até ando mais satisfeito, estes dias!...

GOSTO DO GARY: — Pois muito bom proveito. O seu coração balance entre os olhos do Gary e a voz do Ramon? Já sei. Acaba por se decidir pelos bigodes do Menjou... E' quasi sempre assim!

Gary Cooper está fazendo «Devil and the Deep»; escreva-lhe para «Paramount Publix Studios, Hollywood, Calif. Ramon Novarro vai começar uma nova fita para «M-G-M»; escreva-lhe para «Metro-Goldwyn-Mayer Studios», Culver City, Calif.

Continuo às suas ordens, mas não torne a dirigir as cartas para Souza Martins e João Santos. Estes assuntos são com o «Eu Sei Tudo». Aqueles dois camaradas teem mais que fazer...

JE T'AIME, ANITA PAGE: — Pelas primeiras linhas desta secção já deve saber que se pôde falar à vontade na Marlene e na Sylvia. Pôde dar largas aos seus desejos. Pôde chamar-lhes «minhas» à vontade. «Minhas», ouviu? A Sylvia Sidney, pôde tornar a vê-la brevemente, na «matinée» da revista «Cinema», em que se reexibirá «Ruas da Cidade». Quanto a Marlene Dietrich, só para a próxima temporada. Já me informaram da existência desse «Cine-Rádio Club do Porto». Basta que tenham junto o Cinema com a T. S. F. para ser já uma coisa diversa daquilo que se pretendia.

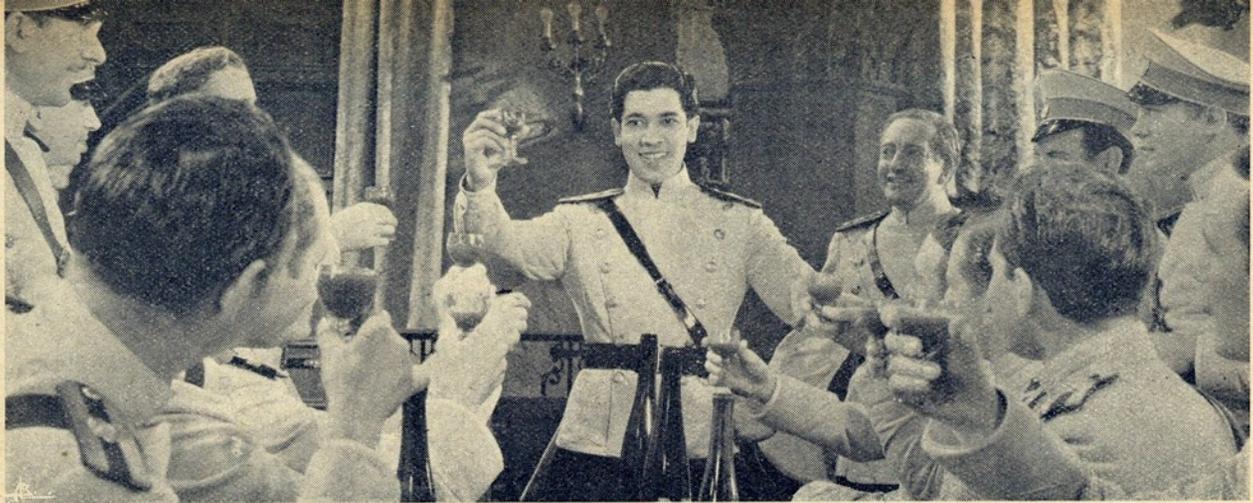
A Dorothy Jordan continua lindíssima... a julgar pelos retratos. Que a respeito de fitas, ainda estou à espera da primeira.

TRÊS FUTURAS ESTRÊLAS: — Muito obrigadinho pelo retrato que me fazem, das vossas simpáticas (pela descrição, cálculo que o sejam) figurinhas. Mas o peor é que fico indeciso. E talvez não! Decido-me, se as outras prometem não se zangar, pela primeira retratada: «Morena, caracóis, mas não artificiais, olhos verdes (ai!), estatura regular, 18 anos e muito garota». Eu gosto delas garotas. Mas, com franqueza, também não me desagrada nada a descrição das outras...

Enganaram-se quanto à minha idade. Menos qualquer coisinha do que os 32.

A minha impressão sobre a Greta Garbo? Que é tão grande actriz como a Marlene Dietrich. A minha impressão sobre a Marlene Dietrich? Que é tão

(Continua na página 15).



José Mojica no momento de se fazer ouvir na «Canção dos Oficiais», no super-filme da «Fox» «O Príncipe que nunca amou», falado e cantado em espanhol, considerado a melhor produção do famoso tenor mexicano.

O Cantinho dum Cinéfilo

Recebemos, ha poucos dias, a seguinte carta :

Lisboa, 3 de Junho de 1932.

Ex.^{mo} Sr. Director da revista «Cinema» — Porto :

Temos a honra de comunicar a V. Ex.^a que ficou hoje definitivamente constituída a COMPANHIA PORTUGUESA DE FILMES SONOROS TOBIS KLANGFILM destinada à produção de filmes sonoros portugueses.

Levou-nos à fundação desta Companhia o reconhecimento da importância social da cinematografia sonora como meio de educação e de cultura, como instrumento de informação, documentação, propaganda e publicidade. Move-nos muito mais do que quaisquer considerações de carácter industrial ou comercial, um pensamento eminentemente patriótico: o de tornar possível a criação duma arte nacional que em muitos aspectos e por muitos titulos pode e deve ter uma vasta influência na vida e no progresso da Nação.

Confiados em que a Imprensa reconhecerá a utilidade geral dos fins que se propõe a Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm, tomamos a liberdade de pedir para ela o apoio e o valioso concurso do jornal que V. Ex.^a tam brilhantemente dirige.

Agradecendo antecipadamente, subscrevemo-nos,

De V. Ex.^a
Attos. Vers. e Obgdos.

Pelo Conselho de Administração

(a) *António da Fonseca,*
Dr. Ricardo Jorge.

Em vários números desta revista tenho defendido com o entusiasmo que me provocou tal iniciativa, a constituição da S. P. F. S., agora alterada para Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klang. «Cinema» põe as suas colunas à disposição da nova empresa. Já subscrevi com cinco acções — que a mais não me permite a escassez das minhas disponibilidades...

E' preciso, agora, — e não será demais repeti-lo — que os cinéfilos portugueses saibam também cumprir com o seu dever, contribuindo com a sua quota parte para o desenvolvimento da produção cinematográfica portuguesa, que tem diante de si um caminho muito amplo, um futuro muito prometedor.

■ ■ ■

Desde que se fala em produção portuguesa, surge imediatamente, ligada por afinidades bem conhecidas, a ideia da exploração do mercado brasileiro, como fonte de grande receita para a amortização dos nossos filmes.

Esta ideia, que vem de muito longe, desde as primeiras fitas produzidas em Portugal, toma vulto extraordinário, agora com o fonocinema, porque a questão da linguagem aperta mais ainda tais afinidades, confunde-as, quasi substituindo-as por

um objectivo comum, irmanado, único — a produção de filmes em língua portuguesa.

A Companhia Portuguesa de Filmes (deixem-me que abrevie assim o extenso nome da nova empresa, cuja designação por iniciais — C. P. F. S. T. K. — é bastante difícil de pronunciar) conta, é claro, com o mercado brasileiro para a exploração dos seus filmes. Nem podia deixar de ser.

Mas pergunto a mim mesmo se a nova organização já ponderou bem a maneira dessa exploração, ponderação que deve ser feita, a meu vêr, antes do início da produção das fitas. Ninguém pôde pensar em chegar ao Brasil com uma cópia de «As Pupilas do Sr. Reitor» debaixo do braço, à espera que que se lhe abram as portas do «Império», do Rio de Janeiro, ou do «Paramount», de São Paulo. E quando um filme é apresentado no Brasil por qualquer entidade que não seja um distribuidor estabelecido — e lá como cá — o seu portador vê-se em palpos de aranha para conseguir a exhibição da fita.

A Companhia Portuguesa de Filmes não quererá ir explorar a fita de sua conta, alugando uma sala de cinema, que nunca poderia ser uma sala de primeira categoria, nem tal processo, que ainda poderia ser consentido num «produtor ambulante», seria admissível numa companhia com tôdas as características duma organização importante e duradoura.

Ha, pois, dois caminhos a considerar: ou estabelecer no Brasil um escritório de distribuição, ou conceder essa distribuição a um alugador estabelecido. O primeiro não tem viabilidade, para os primeiros anos, pois, para isso, seria preciso uma produção abundante, contínua, a que não podemos aspirar, por enquanto. O segundo, sim, é o trajecto a seguir, a orientação a tomar.

Ha tempos, antes de surgir a ideia da formação da Companhia Portuguesa de Filmes, e quando Leitão de Barros estava fazendo os preparativos para a filmagem de «A Varanda dos Rouxinóis», falou-se em que ele iria ao Brasil escolher uma actriz para interpretar a protagonista, que Leitão de Barros trataria da possível colocação do filme naquele mercado, que estudaria, emfim, as bases dum acôrdo luso-brasileiro para a produção filmica.

Aplaudi tal projecto. Era assim mesmo que as coisas se faziam.

Tal viagem, porém, não se realizou, e suponho que as primeiras fitas da nova Companhia serão feitas antes que ela se realize. Parece-me que se deveria, primeiramente, estudar o assunto dum acôrdo com o Brasil. Bem entendido que, se tal combinação se não fizesse, nem por isso se deixaria de fazer filmes portugueses, em Portugal. Mas só se lucraria em expôr o assunto a qualquer dos grandes distribuidores brasileiros, dêsses que possuem cinemas seus onde passam as suas fitas, e estudar com eles a possível e vantajosa cooperação brasileira na produção de filmes em Portugal.

E talvez a Companhia Brasil Cinematográfica ou o Sr. Francisco Serrador quizessem ser grandes acionistas da Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klang!

Jean Harlow, a loira quimicamente pura...

Sempre que surge uma nova rapariga com rosto de boneca que consegue impressionar meia dúzia de metros de celulóide, os veteranos que pretendem possuir uma super-inteligência e um conhecimento profundo da arte cinematográfica exclamam em coro: «Não vale nada!... Não tem matéria cinzenta no cérebro!...»

E' necessário confessar que em diversas ocasiões esta frase tem saído certa... Muitos luminares de Hollywood brilharam apenas por momentos, dando assim razão a esta sentença. Todavia, enganaram-se redondamente ao falarem de Jean Harlow. Disseram que Jean tinha uma cabeça muito bonita, mas desprovida de matéria cinzenta... Quanto à beleza da sua cabeça cõr de prata, os palradores tiveram toda a razão; mas no que respeita a ser tonta, temos que concordar que proferiram uma ofensa injusta... Jean, sem ser um super-talento, é uma rapariga inteligente que se impôs pelo seu próprio valor na colónia cinematográfica.

Eu nunca tinha visto um filme com Jean Harlow.

E por isso, atribuía mais a popularidade que ela estava alcançando e que via crescer cada dia mais ao «bluff» norte-americano e ao excesso de publicidade do que a razões intelectuais e artísticas.

Mas estava enganado!... Admirei ha dias uma das suas ultimas películas, onde Jean aparece como protagonista. (Como veem, vale a pena ser jornalista cinematográfico para assistir às sessões privadas...)

Jean é uma rapariga que apenas conta vinte anos de idade. Miuda, de rosto ovalado, com olhos azues, risonhos e sonhadores. A cabeça de Jean, que tanta notoriedade alcançou, é um bonito produto da Natureza... E' uma loira quimicamente pura...

Quando se começou a fazer notar no cinema, logo alguns magazines americanos abriram um inquérito com o fim de encontrar um nome apropriado para a nova artista.

Segundo os críticos, a sua beleza não era vulgar. Quere isto dizer que a-pesar-de ser loira como um milhão de raparigas anglo-saxónicas, tinha «alguma coisa mais», um atractivo especial e único que a diferenciava das outras...

Um dia, por fim, anunciou-se com êsse entusiasmo ingénuo dos «yanquis» que Jean Harlow seria etiquetada com o pitoresco nome de «a loira de platina», — «the platinum blonde...»

«Nunca pensei entrar para o cinema em antes de me casar,

— afirmava Jean Harlow —, e isto succedeu em 1927, quando apenas contava dezasseis anos. Antes é certo que passei dois anos em Hollywood, mas estava a educar-me na Hollywood School for Girls. Tinha treze ou quatorze anos, idade difficil para trabalhar no cinema.

Trabalhei em várias películas como extra, e também fiz papéis de pouca importância em algumas comédias de Hal Roach.

Quando Ben Lyon e James Hall me levaram ao estúdio de Howard Hughes para fazer uma prova, este fez me passar

pelo departamento do vestuário onde me indicou uma fatiota muito reduzida...

Eu queria triunfar, queria ter um nome no cinema e as minhas ambições eram muito grandes. Vesti o fato que me indicaram... A película causou sensação, e eu fiquei conhecida pelo nome de «mulher impúdica da cabeleira prateada»... Desde então todos os produtores que me contrataram quiseram ver-me em trajos parecidos e em papéis análogos. Por isso Hollywood crê que sou uma mulher livre que veste fatos reduzidos ao mínimo... Mas sou uma rapariga simples e não muito moderna».

Jean Harlow teve a coragem moral de dizer que «não gosta de Hollywood». São dela as seguintes palavras:

«Na generalidade, a gente de Hollywood é simpática. São pessoas cordiais e simples, se bem que a propaganda tenda a apresentar os habitantes de Hollywood como maniacos em perpétua pose.

Inimiga mortal da quietude, gosto que a actividade da colónia do cinema dê a esta cidade um movimento que evita toda a monotonia.

E a-pesar-de tudo, ha alguma coisa em Hollywood de que não gosto... Dá-me a impressão de que Hollywood é uma cidade fabricada para um momento, — como se fosse um cenário de um teatro ou construções de cartão...

Em parques ermos surgem palácios de improviso e quando ainda não demos conta da nossa surpresa reparamos que o palácio tem jardins magníficos, fontes cristalinas, avenidas com palmeiras, campos de «tennis» e «estrêlas» do cinema dando festas que deixariam em pouco as da Roma antiga. — Exactamente o que succede dentro dos estúdios, quando se levantam as armações do «set» para se fazer uma película!...

E com a mesma rapidez com que as casas se constroem e se edificam os castelos, surgem reputações ou caem dos seus pedestais os ídolos mais queridos.

Um dia a imprensa provoca um escândalo ao dar a notícia de que certa dama da melhor nobreza acaba de ser contratada para um filme. Em volta da futura «estrêla» surgem histórias galantes e heroicidades sem fim... E algum tempo depois encontramos a mencionada aristocrata servindo pastels num restaurante da cidade do cinema... Não acham que Hollywood é um lugar de instabilidade, de incongruências, de falsidade?...



Jean Harlow, a encantadora «platinum blonde», está interpretando para a «M-G-M» uma fita chamada «The Red Headed Woman» («A mulher dos cabelos avermelhados»)

Por que não contrataram antes a Clara Bow, deixando que a Jean Harlow continue mostrando a sua linda cabeleira de platina?

Já viram alguma vez, comodamente sentados numa sala de cinema, os cavalos a correr vertiginosamente no *écran*, como se viessem direitos ao espectador?

Já perguntaram acaso como são filmadas aquelas cenas? E não se admiram do valor dos fotógrafos que manejam os aparelhos, ou imaginaram porventura que nada daquilo é real?

Pois fiquem sabendo que tudo é real, muito real. São hoje poucas as cenas de cinema simuladas. Todas as vezes que virem cavalos galopando como se viessem esmagá-los, ou aeroplanos descendo bruscamente para terra em giros prodigiosos, ou um navio naufragando no mar agitado, lembrem-se de que algum fotógrafo expôs a vida naqueles momentos para que tal cena tenha toda a emoção da realidade.

Em Hollywood e seus arredores, onde tantas películas se fazem, é difícil, contudo, obter informações directas a este respeito. Os fotógrafos, eminentemente adestrados, eminentemente importantes e eminentemente respeitados nos estúdios por causa do transcendental papel que representam na confecção das películas, não se prestam a falar dos perigos que diariamente afrontam, considerando-os «ossos do ofício». Interrogamos nada menos que seis, mas nenhum deles podia ou queria contar anedotas de si-mesmo. Quando se tratou, porém, das peripécias sucedidas a outros fotógrafos, então as línguas desentaramelaram-se. Aventuras mais ou menos impressionantes brotaram de todas as bocas, oferecendo uma visão interessantíssima das assombrosas e arriscadas tarefas a que se entrega o fotógrafo no desempenho da sua missão.

Um dos relatos falava da fotografia tirada a um leão. Haviam encerrado o animal numa jaula de arame, que tinha uma porta corrediça a um dos lados. O leão devia sair por essa abertura e precipitar-se sobre a máquina, sendo a fera logo chamada pelos domadores, para que regressasse à jaula. Mas o animal não ouviu ou não quis ouvir o chamamento do domador. Continuou a avançar, impávido, sobre o fotógrafo. Compreendendo este que as coisas não corriam bem, colocou a máquina, como um escudo,

Os riscos de sêr fotógrafo

diante dele. O leão dava voltas e o fotógrafo seguia girando em idêntica direcção, afrontando sempre o inimigo. Toda a gente parecia cravada no chão. De repente, a suposta vítima exclamou:

— Se julgas agarrar-me, amigo leão, fica sabendo que primeiro te espetarei esta máquina na pele!

Aquela saída afroizou a tensão nervosa. Os domadores correram atrás da fera e dissipou-se o perigo.

Logo e correu em auxílio dos naufragos. No dia seguinte, os mergulhadores trouxeram à superfície as máquinas e a fita foi revelada, descobrindo-se que nada tinha sofrido com o banho prematuro.

Outro fotógrafo, que não quis tornar conhecido o seu nome, contou-nos que, certa ocasião, estava a tirar a cena do incêndio duma aldela do alto duma «paralela» na plataforma da máquina. O director fez arder realmente as casas; mas, como as chamas subissem mais do que se calculava, chamuscaram a pele e o fato do fotógrafo, que teve, no entanto, de manter-se até acabar o trabalho, para não inutilizar a cena do incêndio. Logo a seguir, torrentes de água apagaram o fogo, podendo êle retirar-se são e salvo da fornalha.

Correm centenas de histórias acerca dos perigos que afrontam nas cenas dos aeroplanos.

Quando a aviação estava ainda na infância, os fotógrafos viam-se obrigados a colocar-se com a máquina numa das asas, contrabalançando o peso com sacos de

lastro na asa oposta e dali filmavam os que ocupavam o lugar do piloto, bem como os terrenos de baixo e o firmamento de cima.

Os fotógrafos Harold Rosson e Paul Vogel realizaram assim o seu primeiro vôo, nunca tendo embarcado em avião. O outro fotógrafo percorria os ares montado na armação do aeroplano, levando a máquina à frente. O piloto, julgando que a máquina estava presa, levantou vôo e o fotógrafo viu-se em palpos de aranha para se aguentar no lugar, segurar o aparelho e filmar ao mesmo tempo as cenas. Conseguiu o que desejava, mas com extraordinário abalo do seu sistema nervoso.

Uma das aventuras mais emocionantes para certo fotógrafo foi a que passou quando filmava «O az do volante». Como indica o título, tratava-se duma história de corridas de automóvel, que exigia uma fotografia da parte inferior dos carros, tomada a toda a velocidade. Marcaram-se as rotas para dois carros, separadas por menos dum metro de distância. No espaço intermédio, estendeu-se o fotógrafo no chão, com a máquina preparada diante de si.

Não tardaram a cair-lhe em cima ambos os carros, passando a seu lado a poucos centímetros e a uma velocidade de cento e dezoito quilómetros à hora, aproximadamente!

No desejo de conhecer a mais arriscada tarefa que haja sido indicada a um

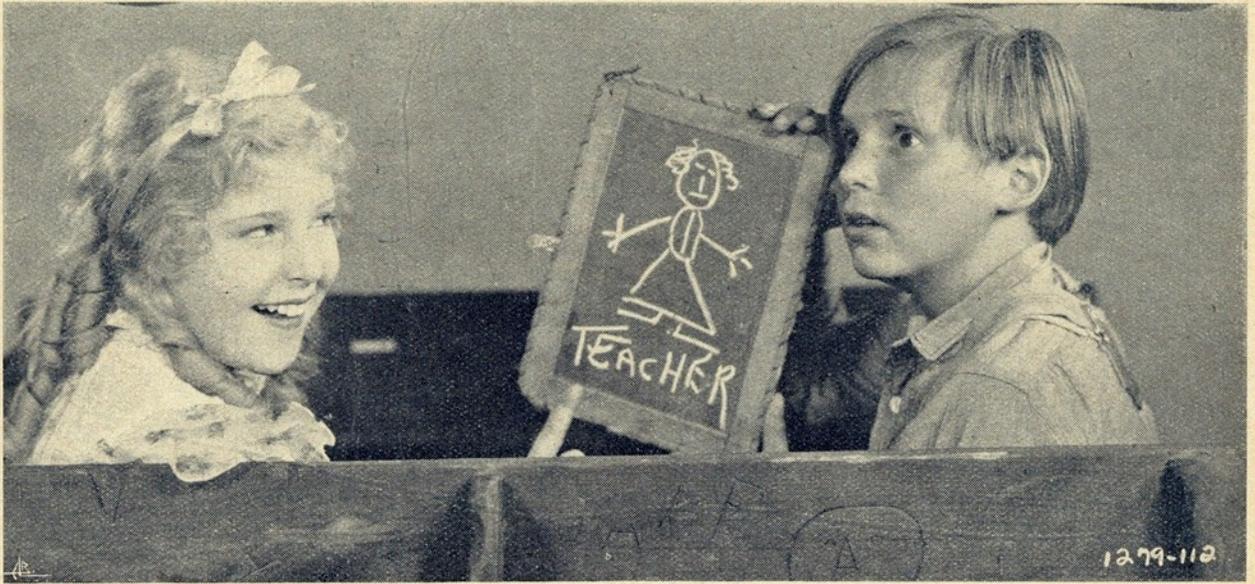


Duas caras lindas do cinema americano: Doris Hill e Jean Artur. A Jean Arthur é a que está na boceta. E ainda ha lugarzinho para mais um, não ha?

Também contam o que aconteceu quando Norbert Brodine e Harry Beaumont — o primeiro um dos ases-fotógrafos da «Metro-Goldwyn-Mayer», e o segundo, hoje, um dos seus directores mais importantes — fotografaram uma partida de *cow-boys*. Os ginetes galopavam em direcção à máquina, mas um dos cavalos empinou-se e não conseguiram fazê-lo voltar a tempo. O animal precipitou-se sobre o aparelho, atirando a tripode ao chão e pondo em estilhaços a plataforma em

que Beaumont e Brodine tiravam a película. Máquina e fotógrafos vieram a terra, mas cada um por sua vez, de forma que não houve desastres a lamentar. E salvou-se também a película. Numã filmagem recente, em que Robert Montgomery era protagonista, os fotógrafos estavam num lanchão arrastado por um rebocador. Mas o rebocador aumentou de velocidade a tal ponto que a proa do lanchão subiu ao ar e a popa afundou-se na água, tomando êles um banho imprevisito. O rebocador voltou-se

"Aventuras de Tom Sawyer"



Como todos os meninos de doze anos, Tom Sawyer era extremamente curioso. Orfão desde tenra idade, teve a boa sorte de encontrar em sua tia Polly uma segunda mãe, que o criou e educou o melhor que pode. Apesar de pobre, a tia Polly tinha uns pequenos rendimentos que lhe davam para viver e para manter Tom Sawyer, seu sobrinho Sid e sua sobrinha Mary.

Nessa época, a máquina de costura foi inventada, e a tia Polly que não gostava de novidades, disse à vizinha Harper:

— Não sei onde este mundo vai parar! Minha sobrinha Mary viu uma pequena máquina que faz rapidamente qualquer trabalho de costura. Eu, pelo menos, nunca hei-de vestir roupa costurada à máquina.

— E eu também não, — redarguiu a senhora Harper —, mas que quere você? Todos os dias aparecem invenções!

— É verdade, mas eu prefiro a moda antiga. A mesma coisa acontece com as crianças. Meu sobrinho Tom já me não quer ajudar nos meus trabalhos caseiros. Passa os dias fantasiando proesas e façanhas. Será doença? Em pé e de olhos abertos, Tom passa horas... sonhando! E se realmente está acordado não presta nenhuma atenção ao que está fazendo. Com certeza herdou isto do pai.

Um gato principiou a mlar perto dali e a tia Polly foi ver se seria o que lhe roubava os pintos do quintal.

Entretanto, Tom Sawyer brincava com o seu camarada Huckleberry Finn, um pobre rapaz de quatorze anos que mal tinha que comer, porque o pai embriagava-se constantemente.

— Que tens tu dentro desse saco?... — perguntou-lhe Tom.

— Um gato morto, — respondeu Huckleberry.

— Para que serve um gato morto?

— Então não sabes? Serve para curar verrugas!

Novela da Mocidade por Mark Twain.
Direcção de John Chromwell.
Apresentada pela «Paramount».

PRINCIPAIS INTERPRETES

Jackie Coogan.....	Tom Sawyer
Junior Durkin.....	Huckleberry Finn
Mitzi Green.....	Becky Thatcher
Clara Blandick.....	A tia Polly

— Curar verrugas? De que maneira?

— Levamos o gato morto para o cemitério e à meia-noite em ponto colocamo-lo sobre a sepultura de um homem enterrado há pouco tempo. Minutos depois, aparece um fantasma que, invisivelmente, cura verrugas grandes e pequenas.

— Vamos experimentar?... — inquiriu Tom.

— Sim, o velho Williams está moribundo, e depois...

Uma voz bem conhecida de Tom, porém, fez-se ouvir nesse momento. Era a tia Polly que o chamava. Huckleberry pegou no saco e fugiu, mas não sem ser visto pela velha solteirona.

— Eu já te recomendei mais de uma vez que não quero que brinques com esse vadio, — disse ela ao sobrinho —. Para teu castigo vais caiar todo o muro do quintal.

Tom misturou um pequeno saco de cal num balde de água e com uma brocha suficientemente larga, principiou a caiar o muro de madeira pelo lado de fóra.

Um amigo de Tom passou perto dali e de longe invejou as caiadelas. Em poucos minutos toda a rapaziada da vila foi informada e não houve criança que não quisesse experimentar a sensação de caiar pela primeira vez na vida. Tom, apesar de já estar cansado, resolveu vender-se caro!

— Oh, Tom, deixa-me experimentar, — solicitou um pequeno, chamado Ben.

— Então vai buscar uma brocha!

— Aqui está uma! Quando me disseram que estavas a caiar, fui buscar a do meu tio.

— Mas, Ben, a tia Polly pôde zangar-se! E, além disso, tu não sabes caiar. Para tudo é preciso prática neste mundo.

— Quem é que não sabe caiar? Eu sei! Se me deixares, dou-te esta bússola de bolso!

— Regula bem? — Muito bem... excepto quando falha!

— Eu também quero experimentar, — suplicou Charles.

— O Ben deu-me uma bússola! Que me dás tu?

— Dou-te este dente de veado. Traz boa sorte a quem o possuir!

E em meia hora Tom tinha em seu poder mais de uma dúzia de presentes... sem trabalhar! Está claro que, depois do muro caído, a primeira coisa que fez foi dispersar os amigos para que a tia Polly não soubesse que o muro não fóra caído por êle. Já era tarde, e os rapazes, satisfeitos, voltaram para suas casas.

Só o bisbilhoteiro Sid é que ficou.

— Tom, — disse-lhe êle —, foste tu que comêste as minhas maçãs?

— Não fui eu, mas como as tuas maçãs desapareceram, vou dar-te um apito!

— Então mostra-me a outra mão! Eu bem te conheço! Tu dás com a mão direita e tiras com a esquerda!

— Não é verdade! Todas as vezes que te dou qualquer coisa, só te faço uma surpresa. Da outra vez esborrachei-te um tomate maduro na cara!

— Ora, tu andas nervoso, porque Becky, a tua namorada, não quere saber mais de tí!

— Escuta, Sid, se tornares a falar nisso, torço-te o pescoço!

— Bem, não direi nada a ninguém,

se me devolveres a cana de pescar que me tiraste.

E ao dizer estas palavras, Sid deitou a fugir, porque Tom preparava-se para se atirar a êle. Minutos depois, Tom encontrou-se com Huckleberry e disse-lhe:

— Onde guardaste o gato?

— Está bem escondido e hoje à noite poderemos fazer a nossa experiência no cemitério. Tu não tens medo?

— Não tenho. A' meia noite estarei no cemitério.

Os dois amigos separaram-se e Tom foi encontrar-se com Becky, que voltava da sua lição de violino.

— De que é que gosta mais, ? — perguntou-lhe.

— De doces, — respondeu a inocente Becky.

— E eu gosto de ir ao Circo de Cavalinhos. Quando fôr homem escolherei a profissão de palhaço!

— Que graça!... — exclamou Becky —. Dizes que os palhaços ganham muito dinheiro.

— D'ze-me uma coisa, — afoitou-se Tom a segredar-lhe —, tu já tiveste um noivo?

— Não tive, nem quero ter. Não penso nessas coisas.

— Queres ter um? E' fácil! Dizes que só gostas de mim e eu dou-te um beijo.

— Um beijo! Para quê?

— E' da praxe! Todos os noivados acabam num beijo!

— Tom, não me posso esquecer do sacrifício que fizeste na escola por mim. Lembras-te quando eu desenhei o retrato do mestre com uma cara muito feia? E também te lembras da cara que o mestre fez quando viu o retrato em cima da carteira? O castigo que êle me ia dar era terrível e tu disseste então que o retrato fôra desenhado por ti, salvando-me assim do castigo! Lembras-te?

— Sim, e também me lembro das palmatoadas que êle me deu!

— Pois bem, Tom, em recompensa ficarei sendo agora tua noiva!

Um beijo estalou nos lábios de Becky que, envergonhada, correu, desaparecendo na primeira esquina.

A' meia noite, Tom fugiu de casa e foi encontrar-se com Huckleberry no cemitério.

— Os mortos não hão-de gostar da nossa presença aqui, — disse Huckleberry a Tom.

— Acho que não, — confirmou Tom —, estou impressionado com êste silêncio profundo!

— Acho melhor treparmos a uma árvore! Poderemos vêr melhor!

— Também eu! O fantasma passará sem nos ver!

— Julgas que o defunto Williams pôde ouvir-nos?

— Defuntos não podem ouvir nada... mas a alma dêle pôde!

— Tenho pena do velho Williams! Era um bom homem!

— Cuidado, os fantasmas podem ver no escuro como os gatos! Subamos para a árvore!

Os dois rapazes treparam, mas em vez de fantasmas, viram três homens que conheciam bem. Dois eram de raça branca e chamavam-se Potter e Robertson e o terceiro era o índio Joê, que apressadamente principiou a abrir uma sepultura.

— Robertson, queremos mais dinheiro, — dizia o índio —, roubar sepulturas é um crime perigoso. A pena é de prisão perpétua!

— Vocês pediram o dinheiro adiantado, — replicou Robertson —, e eu paguei-vos sem regatear.

— Bem sei, mas foi pouco o que nos pagou, — redarguiu o índio —. E além disso, temos outras contas a ajustar. Você ameaçou-me de me denunciar à policia!

Ao dizer estas palavras, tanto o índio como Potter avançaram contra Robertson. Este, para se defender, prostrou Potter, com um forte sôco, no chão sem sentidos, e o índio, furioso, atravessou uma faca no peito de Robertson, que morreu instantaneamente.

— Desta vez as contas ficam ajustadas para sempre, — resmungou o índio.



— Jê é, que aconteceu?... — perguntou Potter ao índio assim que recuperou os sentidos.

— Você matou Robertson! Você é um assassino!

— Fui eu! Que horror! Mas eu não me lembro de nada!

— Sim, foi você! Lembre-se que o atacou antes de mim!

— Ah, foi sem querer! Não diga nada a ninguém!

— Nada de lamúrias, Potter! Foge por êste lado e eu fugirei por aquele! Adeus!

De cima da árvore, Tom e Huckleberry, espavoridos, presenciaram o horrível crime, e instantes depois saíam, correndo, do cemitério.

No dia seguinte, Tom e Huckleberry, mais calmos, resolveram tomar uma decisão sobre o que deviam fazer.

— Se alguém nos viu entrar e sair do

cemitério, — opinou Tom —, iremos ambos parar à prisão.

— A' meia noite todos estavam a dormir! Ninguém nos viu.

— Suponhâmos que o índio Joê nos viu! A primeira coisa que vai fazer será enforcar-nos!

— Mas êle não nos viu! Nós é que devemos jurar que o não denunciaremos.

— Concordo! Levantemos as mãos ao céu e façamos um juramento.

— Isso não é suficiente! O juramento tem que ser feito e assinado com sangue.

Dito isto, Tom escreveu o seguinte numa folha de papel:

Huckleberry Finn e Tom Sawyer juram guardar o segredo do cemitério e se o revelarem, a sentença será de morte.

Tanto Tom como Huckleberry deram um golpe num dedo e o juramento foi assinado por ambos com o sangue de cada um.

— Sinto desejos de me atirar ao rio, — disse Tom.

— E eu tenho vontade de fugir de casa, — afirmou Huckleberry.

— Sabes duma coisa? O melhor é fugirmos para a ilha de Jackson. Passaremos o tempo pescando e brincando aos piratas.

A idéa foi por ambos aprovada e horas depois os dois heróis desembarcavam na ilha.

— Tu sabes muito bem, — declarou Tom —, que uma quadrilha de piratas enterrou um tesouro nesta ilha.

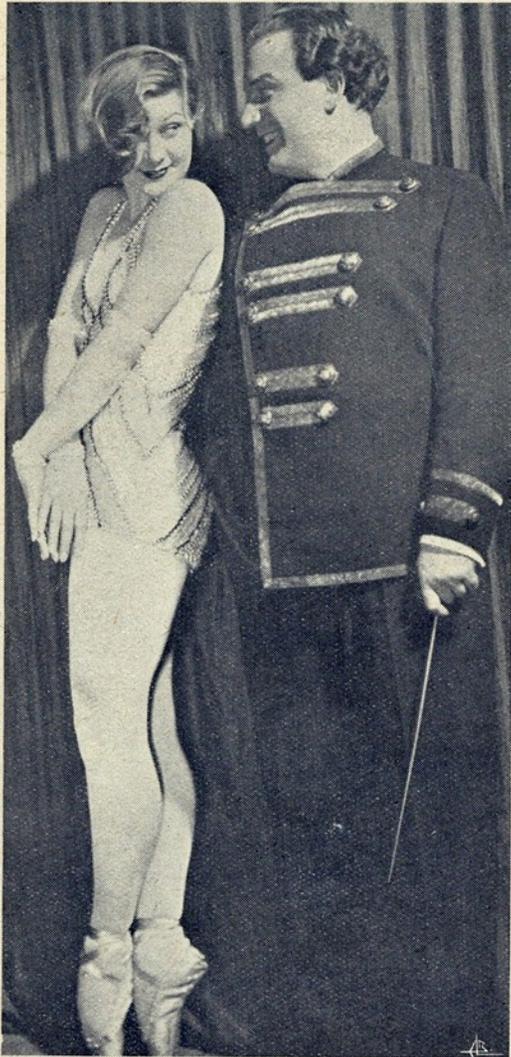
— Então vamos procurá-lo, — aconselhou Huckleberry.

— E como todos sabem, quem é pirata fica com o que é dos outros!

(Continua na página 10).

A Companhia Cinematográfica de Portugal

apresentará em breve



Marianne Winkelstern e Richard Tauber
em "A Grande Atracção"

A Grande Atracção

Super-produção interpretada
pelo famoso tenor alemão
RICHARD TAUBER

e pela encantadora actriz
MARIANNE WINKELSTERN

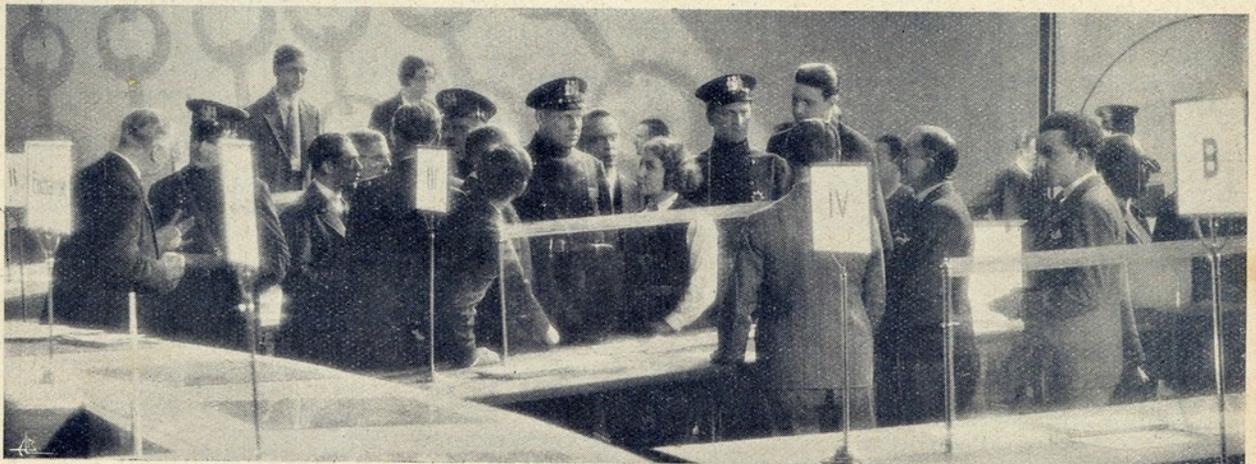
e pelos excelentes cómicos
SIEGFRIED ARNO e TEDDY BILL

Música do maestro **FRANZ LEHAR**

AL CAPONE

(O TERROR DE CHICAGO)

Grandioso super-filme policial, com
OLGA TSCHEKOWA
e **HANS REHMANN**
(no papel de Al Capone)



Uma cena de "Al Capone" (O Terror de Chicago)



As interpretações de Sylvia Sidney e Gary Cooper, respectivamente nos papéis de NAN e KID, de "Ruas da Cidade", vão perdurar na memória de todos os cinéfilos.

"Ruas da Cidade", uma super-produção da "Paramount", um filme que é uma obra-prima, uma fita que se vê várias vezes sem cansar nunca, vai ser reexibida no "Trindade", na "matinée" que a revista "Cinema" vai oferecer aos seus leitores, na terça-feira, 28 de Junho.

“Aventuras de Tom Sawyer”

(Continuação da página 7)

— A vida dos piratas é divertida! Queimam barcos e escondem o dinheiro!

— Sim, mas primeiro vamos capturar aquele barco!

— Aprovado! Tu és o pirata «Braço de Ferro» e eu sou «O Terror dos Mares»!

— Basta de pirataria! Acho melhor escolhermos outra história!

— Uma história de índios!

— Então eu sou o chefe. Vai à frente e avisa-me quando encontrares homens brancos, e lembra-te de que um índio nunca esquece uma ofensa e também não a perdôa.

Neste momento, porém, ouviu-se a deonção de um tiro! Os dois rapazes encolheram-se com medo e depois ouviram vozes que ativamente escutaram.

— Com certeza, eles morreram afo-



William Boyd (2.º), o famoso «Cabo de Ordens» de «Ruas da Cidade», que vemos esta semana em «Fumo de Pistola».

gados! O casaco de Tom foi encontrado na outra margem do rio. Se os cadáveres forem encontrados, o entêrro será na terça-feira, e se não forem, as exéquias celebrar-se-ão nesse dia.

Tom e Huckleberry esperaram até terça-feira e pela madrugada penetraram, sem que ninguém os visse, na igreja em cujo adro estava armado um grande catafalco. Às dez horas principiaram as exéquias e o padre falou das boas qualidades dos defuntos:

— Infelizmente, — observou o padre, — Tom e Huckleberry morreram, mas pensemos por alguns instantes que estão aqui, porque ambos preenchem ainda o lugar que ocupavam em nossos corações. Tom Sawyer sempre foi modesto e bondoso e Huckleberry sempre foi um filho obediente. Ambos morreram afogados no grande rio, deixando-nos pezarosos e tristes, mas certos de que mereceram a bemaventurança eterna.

A MATINÉE DE “CINEMA”

A «matinée» que CINEMA oferece aos seus leitores, no «Salão Jardim da Trindade», marcada para o dia 15 do corrente, só em 28 se realizará.

Levou-nos a resolver este adiamento o desejo de incluir no programa, além de «Ruas da Cidade», o grande filme da «Paramount» a que largamente nos temos referido, uma produção não menos notável, «Romanza Sentimental», maravilhoso poema filmico devido ao talento do realizador russo S. M. Eisenstein, obra-prima que poucos viram e que todos os bons cinéfilos gostarão de apreciar.

Graças à gentileza cativante da «Paramount», a grande firma americana produtora de «Ruas da Cidade», e à amabilidade da Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da, distribuidora da «Romanza Sentimental», que tam galhardamente anuiu ao nosso pedido, a «matinée» de CINEMA constituirá um espectáculo de categoria, digno de ver-se, reunindo duas joias da cinematografia moderna capazes de satisfazer os gostos mais requintados e as mais apuradas sensibilidades artisticas.

Como já dissemos, só obterão entrada para este espectáculo os portadores de dois números de CINEMA, dois números à escolha do 20 em diante.

A requisição dos bilhetes deverá fazer-se no escritório do «Salão Jardim da Trindade», nos dias 22, 24 e 27, das 2 às 6 horas da tarde.

Mediante a apresentação de dois numeros de CINEMA, aos quais será aposito um carimbo, e o pagamento de **cincoenta centavos**, importancia insignificante destinada a tornar menos pesados os gastos que, a-pesar-de todas as concessões, temos de fazer, os leitores obterão o bilhete que lhes dará direito a assistir a este espectáculo sensacional.

A' «Paramount», à Agencia Cinematográfica H. da Costa e à Ex.^{ma} Empresa do «Trindade», os nossos agradecimentos sinceros pelas facilidades com que nos obsequiam.

Seguiram-se depois as orações da praxe e as exéquias terminaram.

Mas eis que Tom e Huckleberry aparecem, emfim, sofrendo o castigo que mereciam pela sua fanhanha.

Pouco depois devia realizar-se o julgamento de Potter. Tom surpreende uma conversa do advogado de defesa com o pretense assassino e interroga-o à saída.

Os dois conversam longamente e Tom, não podendo consentir que seja condenado um inocente, esquece o juramento de sangue e confessa o que viu.

No tribunal a verdade aparece, clara e indiscutível, e o índio, vendo-se na

perspectiva de tomar o lugar do réu, foge de um modo inesperado, sem que possam impedi-lo de o fazer.

O professor da escola a que Tom pertence, satisfeito com o gesto deste, que salvara a vida de um homem, dá um grande jantar em honra de Tom, ao qual se segue um passelo a uma vasta gruta, em cujas passagens sombrias, isolado e mais a noiva dos seus companheiros, o jovem herói descobre o índio, que, ao vê-lo, se precipita sobre êle, encontrando a morte num despenhadelo.

E o filme termina de um modo optimista, entre peripécias burlescas e infantis.

Dentro e Fóra dos Estudios

Na quarta feira passada, 8 do corrente, foi apresentada em Paris, à Imprensa, a nova fita de P. W. Pabst, «Atlantida».

Parece inevitável a greve dos directores dos cinemas de Viena, declarada para o próximo dia 15 de Junho, para protestar contra o imposto que os oneram.

Jeannie MacPherson, a conhecida escritora americana, colaboradora assídua de Cecil De Mille, de quem tem sido a cenarista habitual, foi contratada para a «Paramount».

Uma fita sobre o nudismo

Está sendo filmada na Alemanha uma película sobre o nudismo, para interpretação da qual foram chamadas, por meio de concurso, mulheres de grande beleza.

Já foram filmadas as primeiras cenas da fita «Rain», da «United Artists», que tem como protagonista Joan Crawford, emprestada àquela casa pela «M-G-M». Quasi todos os exteriores daquela película são tirados em Catalina Island, onde se encontra a companhia, que inclui Joan Crawford, Walter Huston, Guy Kibbee (que vimos em «Ruas da Cidade»), Matt Moore, etc. A filmagem de «Rain» deve demorar 5 semanas, devendo estar terminada em fins de Junho.

Thelma Todd uma das mais lindas actrizes do cinema americano, é a primeira actriz de «Speak Easily», que Buster Keaton (Pampilnas) está interpretando para a «M-G-M».

Nils Asther, que deixou expirar a sua licença de residência nos Estados Unidos, teve de ir para o Mexico esperar que lhe fosse renovada a referida licença.

O realizador francês Louis Gasnier, que durante muitos anos trabalhou nos Estados Unidos (foi o realizador de «Misterios de Nova-York», com Pearl White), regressou a França e foi contratado pela «Paramount» para dirigir «Topeze» nos estúdios de St. Maurice.

Betty Compson, que tem estado gravemente doente no American Hospital, de Chicago, já entrou em convalescença.

Norman Taurog, o director premiado pela Academia Americana, pelo seu trabalho em «Skippy», que veremos talvez ainda esta temporada, vai dirigir para a «Paramount» a fita «The Phantom President», com George M. Cohan.

Paul Lukas, o excelente actor hunga-

ro que temos visto em vários filmes da «Paramount» e que em «Ruas da Cidade», tem uma interpretação magnífica, vai desempenhar um papel importante na fita «Burnt Offering», que a «Fox» vai produzir com Elissa Landi, sob a direcção de Frank Lloyd. Warner Oland e Alexander Kirkland também fazem parte do elenco.

O título da fita «Faith» (Fé), que a «Columbia» produziu recentemente, foi alterado para «American Madness» («Loucura Americana»). Frank Capra realizou o filme, com Constance Cummings, Kay Johnson e Walter Huston como protagonistas.

Realizou-se em fins de Maio em Londres a estreia de «Lily Christine», a fita da «Paramount» inglesa, interpretada por Corinne Griffith. O Príncipe de Gales e seu irmão o Príncipe Jorge assistiram à estreia.

O filme americano «Uma Tragédia Americana», realizada por Von Sternberg para a «Paramount», tirado da obra de Théodore Dreiser, tem suscitado grandes discussões na Alemanha.

O realizador húngaro Geza von Bolvay, a quem devemos «O Tenente do Amor» e de quem veremos ainda esta temporada «A Valsa dos Corações», vai realizar a fita «Eu não quero saber quem tu és», com a actriz alemã Betty Bird como protagonista.

«Violetas imperiais» de novo no cinema

O realizador francês Henry Roussell, que ha anos fez em versão silenciosa «Violetas Imperiais», com Raquel Meller como protagonista, tendo num dos principais papeis Suzanne Bianchetti, que também entrou na versão silenciosa.

Várias companhias americanas queriam registar o título «Okay, America», para uma próxima fita, registo que foi conseguido pela «Paramount».

A «Pathé Natan» está produzindo «Mélo», da peça de Henry Bernstein, com Gaby Morlay, Pierre Blanchard, Francen, etc., como protagonistas. Paul Czinner é o realizador.

Nos estúdios da «Ufa», em Neubabelsberg, Jean Murat, Danielle Parolla, Lucien Callamand, Jean Worms, Moni-

que Roland e Jean Mercanton estão interpretando «Stupéfiants», sob a direcção de Kurt Gerron.

Nancy Carroll, que está sob contrato com a «Paramount», foi emprestada por esta casa à «First National», para interpretar ao lado de Douglas Fairbanks Jr. a fita «Revolt».

Nova fita de Sylvia Sidney

Sylvia Sidney, a primorosa intérprete de «Ruas da Cidade», vai interpretar brevemente para a «Paramount» a fita «Anything for sale», com Gene Raymond, sob a direcção de Marion Gering. Gene Raymond já interpretou, com Sylvia Sidney a fita «Ladies of the Big House» («Mulheres do Presídio»).

O filme francês «Viva a Liberdade», de René Clais, está sendo exibido em Nova-York com grande êxito. Toda a imprensa elogia esta película.

Conrad Nagel acaba de ser contratada pela «Tiffany», para o protagonista de «The Man Called Back».

Richard Wallace, um apreciado realizador americano, tem apenas mais uma fita sob contrato com a «Paramount». Diz-se, porem, que esta casa renovará o contrato de Richard Wallace, e que ele dirigirá uma das proximas fitas de Marlene Dietrich.

O cinema «Roxy», de Nova-York, está exibindo a versão Inglesa de «A Loucura de Monte-Carlo», da «Ufa», com Sari Maritza e Hans Alberts. Entre nós foi exibida a versão francesa, com Kate de Nagy e Jean Murat.

William Desmond, que vimos em vários filmes silenciosos, em episódios, foi contratado pela «Universal» para interpretar «Jungle Mystery» («O Mistério da Selva»).

Colleen Moore, ha já muito tempo afastada do cinema, acaba de ser contratada pela «M-G-M».

O adeus a Lilian Harvey

Se alguma actriz do cinema europeu conseguiu impôr-se a milhares de admiradores, essa actriz foi Lilian Harvey. A sua desenvoltura, essa frivolidade tam atractiva que em nada se assemelha à das artistas americanas, a graça com que interpreta as simpáticas personagens que lhe distribuem, valeu-lhe uma justa admiração por parte do público que vê na elegante «estrela» uma mulher bonita e uma excelente artista.

Temos visto surgirem de improviso «estrelas» cintilantes no firmamento cinematográfico. Sabemos de muitas mulheres que chegaram a consagrar-se à custa duma interpretação acertada; mas também não esquecemos que o fulgor que irradiaram foi tam fugaz que passada a temporada voltaram a perder-se no abismo do esquecimento.

Não foi assim o caso de Lilian Harvey. A «estrela» da «Ufa», — que dentro em breve irá trabalhar para a «Fox», na América —, a principal animadora das operetas que os alemães fabricam, continua a ser através dos tempos a figura principal dos elencos alemães. Triunfou na época do cinema mudo e continua os seus êxitos no falado porque reúne as condições indispensáveis para triunfar grangeando as simpatias do público.

Todos nós sabemos como é difícil sustentar-se qualquer «estrela» nos primeiros lugares da cinematografia mundial, — e a prova são os escassos nomes que perduram na nossa memória. Charlott, Jannings, Greta Garbo, Lon Chaney, Pola Negri, Glória Swanson perduram ainda a-pesar das suas escassas interpretações; mas os outros, o tropel dos que brilharam um instante, é tam numeroso e tam insignificantes as recordações que nos deixaram que bem depressa saíram da nossa memória e foram esquecidos.

Lilian Harvey, que nunca dispôs do amplo cenário de que dispõem os americanos para consagrar os seus artistas, é, por isso mesmo, mais digna de admiração que todos os outros artistas. Abriu caminho por si só, fez-se popular pela sua simpatia, pelas suas acertadas interpretações: chegou ao público sem grandes excessos de publicidade, ganhando os aplausos na pantalha, que reflecte toda a sua feminilidade, todo o seu entusiasmo sadio e optimista.

Em «A's Ordens de Vossa Alteza», «O Caminho do Paraíso» e ultimamente em «Dois Corações a Compasso», a sua popularidade chegou ao máximo. Não ha cinéfilo nenhum que não recorde a sua interpretação salpicada de certa frivolidade atraente nem que não tenha sonhado com a sua beleza indiscutível, — pois Lilian Harvey é uma mulher admirável, de elegantes linhas, e com um palminho de cara que a converte numa adorável boneca.

Com a constância da «estrela» da «Ufa», com o seu desejo de agradar e de trabalhar cada vez melhor, é como consegue conquistar o público e ganhar

o seu affecto. Com muita publicidade e com pouca habilidade não é fácil chegar ao estrelato e sustentar-se sem medo das quedas ruidosas. É necessário saber trabalhar e inundar o espectador de simpatia.

... E a Lilian Harvey leva para a América a simpatia de nós todos!...

ADOLFO.



A Lilianzinha vai deixar a Europa. Contratada pela «Fox», Lilian Harvey, depois de casar com o Willy Fritsch (sonho... ou talvez não!) partirá em Novembro para a Movietone City.

Adeus Lilianzinha! Não façam ciúmes à Janet Gaynor nem à Sally Eilers! Deixa estar sossegados o Charles Farrell e o James Dunn!...

O que se usa agora em Hollywood

por SEIMOUR

Houve recentemente uma pequena festa no Embassy Club. Minna Combell tomou parte nela com um vestido de crepe rubro-fogo, pouco decotado à frente, mas exageradamente decotado do lado de trás e tendo por único adorno um cinto ajustado ao corpo, com uma fivela prateada de forma modernista.

Joan Marsh deu também a nota de côr. O seu traje era de tom semelhante ao de Minna, do mesmo pano, e o adorno compunha-se de pequenas fivelas prateadas que seguravam as pregas dos ombros.

O rubro-fogo ou côr de chama foi o que mais se notou.

Bette Davies, que se parece cada vez mais com Constance Bennett, ostentava um lindo vestido de crepe escuro cingido ao corpo, de decote redondo muito pronunciado nas espaldas. Trazia nos ombros alfinetes com brilhantes de pequeno formato e mais três semi-ocultos nas ondas do cabelo.

Joan Crawford brilhava com uma túnica de crepe escuro, sem nenhum adorno. Calçava sandálias do mesmo género e cobria-se com um manto de arminho. Adornava-lhe o cabelo um alfinete de esmeraldas e do pulso esquerdo pendia um formoso bracelete de brilhantes e esmeraldas.

Predominaram também os botões de grande formato. Madge Evans, por exemplo, parecia uma verdadeira colegial com o seu vestido de crepe azul-marinho. Uma fileira de botões prateados adornava-lhe o traço na frente e o mesmo sucedia por trás. Era um vestido simples, tendo na parte superior uma capuzinha que mal chegava aos cotovelos. As mangas eram largas e tinham botões nos punhos. Estes botões chamaram a atenção de toda a gente, porque a pequena havia mandado gravar neles as iniciais do seu nome, ME (ME em inglês quer dizer EU), e todos se intrometiam com ela.

As estrelas elegantes determinaram o comprimento dos vestidos da seguinte forma: a nove polegadas do chão os vestidos de passeio e a meio tacho os de noite.

Algumas artistas usam jaquetas com uma só manga, mas esta moda não deve generalizar-se.

Quási todas as raparigas novas usam risca no cabelo. Lily Damita começou a moda e Genevieve Tobin e Greta Garbo imitaram-na. Vieram depois Billie Dove e Juliette Compton. Seguiram-se ainda Lorette Young e June Clyde e agora quási todas as outras adoptam a moda, porque não só o rosto fica mais favorecido mas parecem também mais juvenis e alegres.

O realizador francês Pierre Colombier começou já uma nova fita, tirada dum cenário de Louis Verneul, com Elvire Popesco e René Lefebvre como protagonistas.



Odette Florelle e René Lefebvre em «A Culpa é do Bibi», uma produção francesa distribuída pela Agência H. da Costa.

«A Vinha do Senhor» no cinema

«Les Vignes du Seigneur», a peça de Flers e Croisset representada em Portugal com tanto sucesso com o título «A Vinha do Senhor», está sendo levada ao cinema por René Hervil para a casa «Jacques Haik», com Victor Boucher, Simone Cerdan, Jean Dax e Mady Berry como principais intérpretes.

Ouvimos dizer...

que o filme alemão «Milícia da Paz», distribuído pela Comp.^a Cinematográfica de Portugal sofreu observações da censura.

que tal filme foi passado três vezes, antes de obter o «visto».

que o «São João Cine» não inaugurará com «Atlantida», como tem costado.

que a inauguração daquele cinema será feita com «Anjos do Inferno».

que já está pronta a instalação sonora, naquele cinema, da marca «R. C. A.».

que o alugador J. Castelo Lopes está muito interessado na Companhia Portuguesa de Filmes.

que é na terça-feira próxima que o «Batalha» começará reexibindo «Luzes da Cidade», de Charlot.

que esta fita só será reexibida naquele cinema.

que o «Olimpia» ainda esta época estreará no Pôrto a fita «Os Cavaleiros da Montanha».

que H. da Costa vai montar uma agência em Barcelona.

que para gerente da mesma seguirá o Sr. Correia de Matos, que tem sido um dos dirigentes da agência de Lisboa.

que aquela firma pensa apresentar na próxima temporada alguns filmes estrangeiros falados em português, pelo processo *dubbing*.

que os cinemas «Sá de Miranda», de Viana do Castelo, e «Salão Ideal», de Lagos, acabam de se equipar em sonoro.

Nesta semana fazem anos:

De 11 a 17 de Junho

- Junho 11 — Walter Byron (31).
 11 — Vera Gordon.
 12 — William Austin.
 14 — Mary Philbin (27).
 14 — Cliff Edwards.
 15 — Harry Langdon.
 16 — Shirley Mason (32).
 16 — Barry Norton (27).
 16 — Norman Kerry.
 16 — Stan Laurel (37).
 17 — Lupino Lane (37).
 17 — Vivian Duncan.
 17 — Evalyn Knapp.

Efemérides da semana

De 11 a 17 de Junho

- Junho 11 (1931) — Chega a Paris a actriz americana Glória Swanson.
 13 (1919) — Estreia-se no Jardim Passos Manuel, do Porto, a fita «Lorena», com Suzanne Grandais.
 14 (1913) — Inaugura-se no Porto o Salão Jardim da Trindade.
 15 (1920) — Estreia-se no «Condes», de Lisboa, a fita «O Farol Vermelho», com Alla Nazimova.
 16 (1923) — Regressa a França a actriz Francine Mussey, que no Porto esteve alguns meses contratada pela «Invicta-Film», para a qual interpretou «Claudia» e «Lucros Ilícitos».

Pelas nossas Cinemas

DOIS NUM AUTOMÓVEL (Paris-Méditerranée): — Joe May, um realizador alemão que ao cinema silencioso deu algumas obras de grande envergadura, mostrou-nos em «Dois num automóvel» o seu primeiro fonofilm, que, a bem da verdade, fica bastante aquém do valor demonstrado em obras como «Asfalto».

«Dois num automóvel», que tem todas as bases duma comédia musical, não é mais, na realidade, do que uma comédia burlesca, de engraçadas situações criadas mais pela personalidade clownesca e bastante teatral de Duvallès, do que propriamente pela textura do argumento ou do seu aproveitamento na condução fílmica. E ainda no que a Joe May respeita como responsável desta obra, ha que se lhe censurar a falta de unidade em toda a película, proveniente, de-certo, da preocupação que teve em seguir as pizadas — hem inferiorizadamente, afinal — de outros realizadores, não criando, não fazendo nada de original — nas cenas da marcha do automóvel, na estrada para a Costa Azul, de ritmo musical e ambiente imitado de Lubitsch em «Monte-Carlo» ou de Charell em «O Congresso que Dança», nos quadros do armazem

(Annabella fechando o seu «rayon» de discos e gramofones) ou nos monólogos de Annabella, copiando Wilhelm Thiele em «O Caminho do Paraíso» ou «Dois Corações a Compasso», etc.

Dessa preocupação resulta uma falta



de coesão em toda a fita, de tal modo que os méritos que possui nos aparecem isolados, dispersos, desligados, como a fotografia deliciosa dos exteriores mais deliciosos ainda, como o desempenho naturalíssimo de Jean Murat, que nos aparece encarnando o Lord Kingsdale

com mais propriedade do que o Robert Kurtner de «Um homem feliz», como a interpretação de Annabella, que é uma das grandes actrizes francesas da actualidade, mas que não deve consentir que a façam imitar Lillian Harvey, porque Annabella tem personalidade própria, sem carcer de tais processos que, longe de a imporem, só a prejudicam. Duvallès faz rir com as suas atitudes apalhafçadas, de cómico da escola Mack Sennett, à la Chester Conklin ou Ben Turpin... Está muitos furos abaixo de Armand Bernard.

A tomada de sons, muito deficiente, impede uma perfeita audição de «Dois num automóvel», que é uma comédia irregular, que, pelas qualidades dispersas de que já falei, e, principalmente, porque logra fazer rir, possui características comerciais, sempre de harmonia com as aspirações da bilheteira.

Autor: Marischka. Decorador: Jacques Colombier. Fotógrafos: Otto Kantureck, Bachelet, Colas. Autor musical: Granischdaetten. Realizador: Joe May. Intérpretes: Jacqueline Pascaud, Annabella; Lord Kingsdale, Jean Murat; Anatol Biscotte, Duvallès; Mirasal, José Noguero.

Produzida em 1931 pela «Pathé Natan». Programa Agencia Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «Aguia d'Ouro» em 6 Junho 1932.

■
O TENENTE DO AMOR (Liebeskommando): — Um filme-opereta alemão que se apresenta despretenciosamente, e, talvez por isso mesmo, susceptível de ser exibido com êxito.

Uma história um tanto ou quanto infantil, ou, melhor, convencional, com o convencionalismo que a gente já está habituado a ver, em filmes-operetas, não se estranhando já, por isso, que uma rapariga pudesse viver tanto tempo disfar-

“A Vingança do Moribundo,,

Vai finalmente ser posto à venda na próxima

TERÇA-FEIRA, 14

do corrente, o terceiro volume da “COLECÇÃO DE SEMPRE”, intitulado

“A Vingança do Moribundo,,

E' uma obra interessantíssima, no decorrer da qual se debatem as mais violentas paixões, devida ao talento do brilhante escritor francês Felix Léonec e traduzida com esmerado cuidado pelo distinto jornalista portuense Fra Angelico, que os nossos leitores naturalmente conhecem das colunas do “Jornal de Noticias”

“A Vingança do Moribundo,,

é fornecida a todos os leitores do Porto, Lisboa, Provincia, Ilhas e Africa mediante a apresentação das senhas 14 a 17 e o pagamento das importancias abaixo designadas, nas casas que a seguir indicamos:

PORTO — *Papelaria A. J. de Almeida* — Praça Guilherme Gomes Fernandes, 60.

Papelaria da Moda, (Almeida & Filhos) — R. de Santa Catarina, 280.

Tabacaria Central da Trindade — Travessa da Trindade, (no Edificio do Salão Jardim da Trindade).

LISBOA — *Agencia Internacional de Livraria e Publicações, L.da* — Rua do Crucifixo, 31-2.º

Provincia, Ilhas e Africa... todas as agencias de venda de CINEMA.

IMPORTANCIAS A PAGAR

Porto e Lisboa: 1\$20. Provincia e Ilhas: 1\$50. Africa: 1\$90.

Os leitores desta cidade estão naturalmente dispensados da apresentação de senhas, devendo por isso fazer-se acompanhar dos numeros 10 a 13 quando forem fazer a requisição.



çada de soldado, numa academia militar... Admitida essa possibilidade (e apenas permito tais liberdades em fitas deste género), a história, que não tem grande originalidade, desenrola-se numa continuidade perfeita, salpicada de romance e de momentos cómicos, que linda música de Robert Stolz esmalta primorosamente.

A direcção de G:zi von Bolvary é apreciável, sobretudo porque dum assunto localizado numa academia militar,

sôbe obter, com o auxílio dos cenaristas Gruenbaum e Roda Roda, um filme movimentado, que se vê com satisfação. A destacar, o desempenho de Dolly Haas, que nos aparece pela primeira vez e que espero ter o prazer de ver com mais frequência, Gustav Froelich, no elegante Tenente von Lorenz, e Tibor von Hal-may, no Tenente von Urzais, que dá a nota cômica a «O Tenente do Amor», que boa fotografia de Goldberger completa harmoniosamente.

Sem grandes vôos cinemáticos, sem qualidades para me satisfazer como cinéfilo, «O Tenente do Amor», que tem certa movimentação, agrada-me como espectáculo. E é só.

Autores-cenaristas: Fritz Gruenbaum e Roda Roda. Fotógrafo: Willy Goldberger. Decaradores: Andrej Andrejew e Robert Dietrich. Autor musical: Robert Stolz. Director de som: Fritz Seeger. Realizador: Geza von Bolvary. Intérpretes: Antonia, Dolly Haas; Tenente von Lorenz, Gustav Froelich; Conde Scanagatti, Livio Pavanelli; Tenente von Urzais, Tibor von Hal-may; Francesco, Walter Edthofer; O comandante da Academia, Anton Pointner; Elisabeth, sua filha, Yvette Rodin; Mia Fleuron, Mary Losseif; O cantor, Marcel Wittrisch.

Produzida em 1931 pela «Super-Film». Programa Comp.^a Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Trindade» em 7 Junho 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

CORRESPONDENCIA

(Continuação da página 2)

grande actriz como a Greta Garbo. Esta época não deve vir mais nenhum filme de Lilian Harvey. Quanto ao «escândalo que a Lilian Harvey comeu com o Willy Fritsch», usando das vossas palavras, não o posso revelar aqui publicamente, e muito menos a «três futuras estrélas», duas de 17 e uma de 18 anos. /.

Obrigadinho pelo abraço! Que eu não gosto muito, cá destes abraços por correspondência...

AOS RESTANTES: — Fica de fóra alguma correspondência, que não é possível publicar no presente número, dada a aglomeração de original. Responder-lhes-ei no próximo número.

EU SEI TUDO.

Os riscos de sêr fotógrafo

(Continuação da página 5)

fotógrafo na história do cinema, fomos entrevistar o sr. John Arnold, chefe do departamento fotográfico dos estúdios da «M-G-M» em Hollywood.

— A tarefa mais perigosa? — replicou êle, meditando —. E' certo que eu tive algumas aventuras emocionantes: filmar cavalos a galopar ou comboios rá-

pidos, manter-se uma pessoa na asa dum aeroplano, tudo isso são empresas aventurosas e cheias de riscos. Mas julgo, apesar de tudo, que o trabalho mais perigoso é aqui no estúdio, onde tomamos as cenas do alto das «paralelas» do cenário sonoro, por sinal que muito altas...

Quando alguém se vê colocado na asa dum aeroplano, a mente e o corpo estão preparados para o perigo; os ner-

vos e os músculos suportam os sacudimentos bruscos. Mas ali, no cenário, julgamo-nos seguros como se estivessemos em nossa casa... E, no entanto, um falso movimento significa uma queda de vinte ou quarenta metros sobre um pavimento cimentado! Não lhe parece que esta é a tarefa mais arriscada?

CARMEN DE PINILLOS.

Incontestavelmente o
melhor receptor é o

M E N D E

Sonora — Radio
Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

BATALHA
(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

GRANDE EXITO DO SUPER-FILME DE AVENTURAS

FUMO DE PISTOLA

com Richard Arlen, Mary Brian e Louise Fazenda

TERÇA-FEIRA — PROGRAMA SENSACIONAL

LUZES DA CIDADE

com o famoso Charlie Chaplin (Charlot)

BILHETES Á VENDA

PREÇOS POPULARES
A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 21

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 16 e 18 de Junho

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 16 e 18 de Junho

BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 16 de Junho

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 18 de Junho

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

◆◆  ◆◆

**Depois do grande exito
nos cinemas**

São Luiz }
Condes } Lisboa

Trindade }
Agua d'Ouro } Pôrto

a maravilhosa super-produção trágico-cômica

**LUZES DA
CIDADE**

**vai continuar no "Batalha"
a sua carreira triunfal**



é um filme de

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos.

